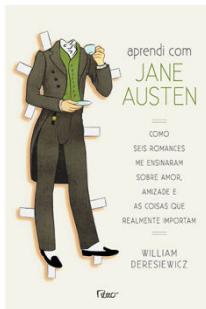


A LITERATURA ENSINA?

Fabiana Cardoso Fidelis*



DERESIEWICS, William. **Aprendi com Jane Austen**: como seis romances me ensinaram sobre amor, amizade e as coisas que realmente importam. Tradução de André Pereira da Costa. São Paulo: Rocco, 2011. 254 p.

Tudo que se deve ensinar na escola é a literatura, assim afirmou Roland Barthes certa vez em uma entrevista. A literatura contém em si todos os saberes. Mais do que isso, a literatura contém a vida e ensina a respeito dela de forma muito mais vívida do que todos os livros sobre “como fazer alguma coisa”. Estes livros, denominados de autoajuda, prometem ensinar fórmulas infalíveis para conseguir um bom casamento, ter sucesso profissional e ser feliz... Enquanto os livros de autoajuda divulgam abertamente sua intenção didática já em seus títulos, os livros literários negam veementemente esta pretensão. Afinal, literatura é arte.

Mas, se, em vez de procuramos orientações para a vida em livros de autoajuda, lêssemos os clássicos literários com o objetivo de ter uma aprendizagem emocional? Foi isso que o professor e doutor William Deresiewicz fez. Forçado a ler a obra de Jane Austen em uma disciplina de seu curso de doutorado em Literatura, William Deresiewicz sentiu-se inicialmente entediado e nunca poderia imaginar que os romances de Austen iriam lhe ensinar tanto sobre valores morais e sociais. Não foi uma paixão à primeira leitura, mas tornou-se duradoura, e Deresiewicz passou a conviver intimamente com a autora durante vários anos.

O livro *Aprendi com Jane Austen* surgiu de uma pergunta feita a Deresiewicz em uma entrevista de emprego para professor de língua inglesa. Ao ver no currículo de Deresiewicz o nome de Jane Austen como centro de suas publicações e seus projetos de continuá-la estudando, o entrevistador perguntou: “– Mas, afinal, o que você tem com

* Doutora em Literatura (UFSC) e professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Câmpus Canoas. E-mail: fabiana.fidelis@canoas.ifrs.edu.br.



Jane Austen?” Na ocasião, segundo Deresiewicz, a resposta era ainda apenas um sentimento de que algumas coisas muito importantes que tinha aprendido sobre a vida se deram com a leitura dos romances de Austen. O livro nos mostra que tal aprendizagem vai bem mais além do que apenas “algumas coisas” – torna-se um guia de análise dos relacionamentos e das experiências do autor como estudante de pós-graduação e como professor de língua e literatura inglesa. Deresiewicz estabelece um paralelo entre o cenário rural em que vivem as personagens românticas da sociedade inglesa do fim do século XVIII e início do século XIX com o cenário cosmopolita da elite nova-iorquina. Seus amigos do fim do século XX tornam-se personagens cujos conflitos e emoções são similares aos das heroínas da obra de Austen. Conduzidos por Deresiewicz, somos apresentados a seis romances de Austen: *Emma*, *Orgulho e preconceito*, *A abadia de Northanger*, *Mansfield Park*, *Persuasão* e *Razão e sensibilidade*.

Inicialmente Deresiewicz viu em *Emma*, o primeiro livro que leu de Austen e o primeiro que nos apresenta, apenas banalidades de personagens estereotipadas de uma aldeia rural. A obra lhe despertava tédio e desdém. Mas, ao persistir na leitura obrigatória do romance, Deresiewicz descobre que a crueldade da personagem Emma apontava para a sua própria crueldade e tédio com a vida que estava levando, como um estudante arrogante e insensível, que sempre encontrava oportunidade para despejar sua pretensa cultura em suas conversas com amigos e conhecidos. Descobre que

Ao eliminar todos os grandes e rumorosos eventos que normalmente absorvem nosso interesse quando lemos um romance – as aventuras e os casos amorosos, as fantasias românticas e as crises, até mesmo, eventualmente, a trama –, Austen estava nos pedindo que prestássemos atenção àquilo que normalmente deixamos de lado ou a que não damos o apreço merecido, tanto nos livros como na vida.” (p. 20-21).

Com um novo estado de espírito, de prestar atenção nas minúcias triviais do cotidiano, tanto de sua vida quanto no romance, Deresiewicz retoma a leitura de *Emma*. Então podemos acompanhar, como um *voyeur*, o seu desenvolvimento como leitor que descobriu que *o cotidiano tem importância*.

No segundo capítulo, sobre o mais famoso livro de Austen, *Orgulho e preconceito*, o reconhecimento dos erros juvenis torna-se a única forma de se autoconhecer e crescer. Com o subtítulo *amadurecer*, Deresiewicz aprende com Austen que se tornar um adulto não tem a ver com aprender coisas, ir para a faculdade e



arranjar um emprego, e sim com fortalecer o caráter e aprimorar o comportamento. Como todos os jovens, Deresiewicz tinha a sensação de já saber de tudo – com Elisabeth, a jovem heroína de *Orgulho e preconceito*, descobre que duvidar dos próprios sentimentos e dar mais valor à razão é algo doloroso, mas a única forma de adquirir a autonomia da idade adulta.

Então, por exigência de seu programa de pós-graduação, Deresiewicz torna-se professor de inglês básico na faculdade. Para ensinar, precisa antes de tudo “aprender a aprender”. Em *A Abadia de Nortangher*, a heroína Catherine tem um amigo mais velho chamado Henry, que a desafia, por meio do humor, a ter conversas interessantes, a examinar suas categorias mentais e a repensar seus padrões conceituais. Da mesma forma, Deresiewicz é levado a isso por meio do professor que o apresentou a Austen, solicitando a leitura de Emma, e que vem a se tornar o seu orientador no doutorado. Quando começa a lecionar, Deresiewicz quer causar em seus alunos o mesmo impacto que o seu orientador causa nele, pois com ele que aprendeu a abordar o mundo com curiosidade e humildade; é com ele que resgata o prazer pela leitura, quase obliterado por seus estudos literários, e conclui que aprender a ler é aprender a viver: “Manter os olhos abertos quando se está olhando para um livro é apenas uma forma de ensinar a si mesmo a mantê-los abertos o tempo todo.” (p. 108).

Nos três capítulos seguintes, novamente Deresiewicz identificará seus problemas, sua vida e o ambiente em que vive com os romances de Jane Austen. Lendo-o por duas vezes, para só então começar a gostar de *Mansfield Park*, narra seu movimento para “ser autêntico” entre os ricos de Nova York com quem convive. Com *Persuasão*, encontra “amigos de verdade” e no último livro, *Razão e sensibilidade*, apaixona-se.

Aprendi com Jane Austen é uma tripla biografia relativamente ficcional: de Jane Austen, pois Deresiewicz utiliza farto conhecimento da correspondência familiar da autora para comparar suas impressões pessoais de mundo às das personagens que cria em seus romances; de Deresiewicz, que ao longo do livro ganha força e se sobrepõe ao interesse inicial que tínhamos por ler apenas sobre a vida e a obra de Austen; do leitor Deresiewicz, que nos mostra como sua leitura dos romances e sua forma de olhar a vida se transformam enquanto ganha experiência de análise literária. Ademais, além de apresentar uma leitura e análise dos romances de Austen, o livro de Deresiewicz é também ele mesmo um romance de costumes do final do século XX numa cidade



cosmopolita, Nova York, que tanto se parece a uma aldeia rural do início do século XIX quando se trata de máscaras sociais e sentimentos.

Os romances de Austen tinham, já em sua época, o caráter de formação, tanto mostrando o amadurecimento das personagens jovens como servindo de fonte de inspiração para educar os leitores em sentimentos, caráter e comportamento. Entretanto,

Ela escrevia romances, não ensaios, e talvez mais do que qualquer outro autor, recusou-se a comprometer suas obras nelas introduzindo ensaios. Nunca foi didática, nunca explicou: nunca interrompeu as histórias para pontificar sobre o que queria que pensássemos que elas queriam dizer, ou para emitir suas opiniões sobre a situação mundial. (p. 98).

Da mesma forma que Deresiewicz encontra na obra de Jane Austen diversos ensinamentos sobre as coisas que realmente importam, a literatura pode, mesmo sem o pretender, nos ensinar sobre temas que não cabem ser ensinados. Aos 26 anos, Deresiewicz conheceu a mulher que mudaria a sua vida, embora ela já tivesse morrido há duzentos anos. Sem entregar o final do livro, a última frase é: “Eu me casei com ela”.